

23/6/66

Os Dois Veículos

23/6

FALA-SE no nome do sr. Filinto Müller para ministro da Justiça do atual Governo. Também se fala no nome do sr. Vicente Rau para ministro da Justiça do próximo Governo.

Era preciso mesmo que os homens da FEB subissem ao poder para que as mais negras figuras da mais negregada fase reacionária do defunto Vargas, admirador de Hitler e Mussolini, fôsem lembradas para a renovação de nossos quadros democráticos.

O caso é de pedir ao escultor Ceschiatti para alterar as três figuras do Monumento aos Mortos da Segunda Grande Guerra, ali no atêrro, e lhes dar uniformes nazistas. O discurso de reinauguração poderia muito bem ser feito pelo sr. Raimundo Padilha, outra mimosa figura de nossa nova democracia. Discurso bem recheado de elogios a Franco e Salazar, como é de uso agora entre os homens do atual e do futuro governo — e também de certos setores da oposição, inclusive a udenista.

Lá dentro, em vez dos nomes de nossos pobres pracinhas mortos, um quadro de honra com os nomes de todos os torturadores policiais e militares, desde o Governo Bernardes até o Governo Castelo.

E já sabemos como será redigido o Artigo Primeiro da nova Constituição. É uma frase cada dia repétida com mais volúpia nas rodas dos áulicos: «Manda quem pode e obedece quem tem juízo».

O resto é bobagem.

Não, o resto não é bobagem. O resto é o povo, é a realidade humana de um grande país. Este país não pode continuar a ser dirigido por mulheres velhas e por homens velhos que pensam como se fôsem mulheres velhas, ou que têm medo do que pensam as mulheres velhas.

Veja-se esse caso da retirada do projeto de Código Civil que o Executivo enviara ao Congresso em outubro do ano passado. A intolerância de uma parte do Clero — a

parte do Clero que representa as idéias estabelecidas das mulheres velhas — não permite que sequer seja discutido um projeto que de algum modo prevê a possibilidade de ser anulado ou desfeito, em circunstâncias especiais, o vínculo matrimonial. Não importa que em todo o mundo civilizado isso exista, e até mesmo em Portugal haja uma legislação menos retrógrada que a brasileira: as mulheres velhas começaram a gritar, e o Governo recuou.

Não dou muita importância à questão do divórcio. Com êle ou sem êle a família brasileira evolui para pior ou para melhor, sofrendo o impacto dos tempos. E afinal de contas, as pessoas se casam, se descasam e voltam a casar do mesmo jeito, como se vê todo dia: e quem não pode mais casar no civil casa no religioso no Estado do Rio, ou na lei do México, ou do Uruguai ou de Nova York, ou nesse cartório prático e rápido, que é a coluna social: basta o nosso venerável Ibrahim Sued deixar de escrever dona Boneca de Sousa para escrever dona Boneca da Silva, e lá está dona Boneca de marido novo, e o sr. Silva de mulher nova, e legal.

O que me confrange é a mostra de pusilanimidade, marca de um governo sem idéias, que só é forte quando se trata de impor sacrifícios aos fracos. Agora mesmo o sr. Bulhões fala em reajustamento salarial «ainda que com certo prejuízo, com certo dano para os assalariados». Mais prejuízos, mais danos para o pobre?

Houve um tempo em que o Brasil parecia que estava sendo dirigido pelos meninos da UNE. Agora são os vovós e as bisavós que mandam; trocamos os levianos pelos caducos, o rabo de foguete pelo cochilo na cadeira de balanço.

Não sei que veículo será mais perigoso, no mundo de hoje.

214